

# Integração do Palácio de Exposições e Pavilhão para Desportos nos jardins do Palácio de Cristal

**Angélica da Rocha**, ARQUITECTA PAISAGISTA

Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Fernando Pessoa

angelica@ufp.pt

## RESUMO

Os Jardins do Palácio de Cristal, o testemunho vivo da passagem do tempo, a marca de vários períodos, onde existiu o edifício que lhes deu nome, onde crescem as árvores que perduram na memória de um lugar que se vai encontrando, refazendo e transformando ao longo da sua existência. Vários caminhos traçados, outros apagados, outros ainda cancelados, fruto do tempo, do contexto político e social, que poderiam ter sustentado a presença das mesmas árvores que teriam uma outra história para contar, aquela que Artur Andrade propôs em 1947 a convite da Associação Industrial Portuense para o novo Palácio de Exposições nos Jardins do Palácio de Cristal, para as comemorações do 1º centenário da sua fundação.

## PALAVRAS-CHAVE

Jardins do Palácio de Cristal, Palácio de Cristal, Palácio de Exposições, Artur Andrade

## ABSTRACT

The Crystal Palace Gardens, living testimony of time's passage, mark several periods, where once existed the building that gave them its name, where grow the trees that persist in the memory of a place that is discovered, remade and transformed along its existence. Several paths are delineated, others erased, others canceled, due to the time and political and social contexts, which could have supported the presence of the same trees that would have another story to tell instead – that which Artur Andrade proposed in 1947 under invitation of the Porto Industrial Association for the new Exhibitions Palace in the Gardens of the Crystal Palace for the celebrations of its foundation centennial.

## KEYWORDS

Crystal Palace Gardens, Crystal Palace, Exhibitions Palace, Artur Andrade

## JARDINS DO PALÁCIO DE CRISTAL

A partir de meados do século XIX grandes Exposições Internacionais se sucedem até aos dias de hoje. Motivadas pela 1ª Exposição realizada no Palácio de Cristal em Hyde Park, Londres, em 1851, elas inspiraram a construção do Palácio de Cristal no Porto, fruto da estreita relação entre Portugal e Inglaterra no decorrer da época e do fascínio que o Palácio de Cristal londrino<sup>1</sup> despertou na sociedade portuense. Em 1865, Émile David, arquitecto paisagista alemão, a convite do Visconde Vilar d'Allen começa a desenhar alguns espaços públicos do Porto.

Segundo Araújo (1979, p.386):

“Durante o Século XIX e o primeiro quartel do actual a cidade do Porto foi dotada com uma profusão de manchas de arvoredo que muito contribuíram para a elevada qualidade do seu ambiente urbano durante toda a primeira metade deste século, e quer se considere o aspecto sanitário, quer até o estético.”

Entre os espaços desenhados por Émile David enumeram-se, o da Cordoaria, o Passeio Alegre da Foz e o Jardim do Palácio de Cristal, inspirado pelo desenho, que em toda a Europa se fazia, onde a alameda e o bosque com circuitos e recantos pitorescos eram os ingredientes mais apreciados sendo exemplo o lago e a gruta dos jardins<sup>2</sup> do Palácio de Cristal<sup>3</sup>. É sobre a estrutura deste jardim e devidamente integrado que surge o Palácio de Cristal<sup>4</sup>. Construído para acolher a Exposição Internacional do Porto, permaneceu cerca de um século, até a Câmara Municipal adquirir o terreno em 1933 e em 1951 ordenar demolir o Palácio, dando lugar ao Pavilhão dos Desportos, actual Pavilhão Rosa Mota, da autoria do Arquitecto José Carlos Loureiro, permitindo a realização do Mundial e Europeu de Hóquei em Patins em 1952.

Em 1947<sup>5</sup> a convite da Associação Industrial Portuense, Artur Andrade desenvolve o projecto (resultante de um concurso) para o novo Palácio de Exposições nos Jardins do Palácio de Cristal. Em fase de ante-projecto não é aprovado pela Câmara, alegando que o autor do projecto era um opositor do regime.



Ilustração 1 – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – fachada principal

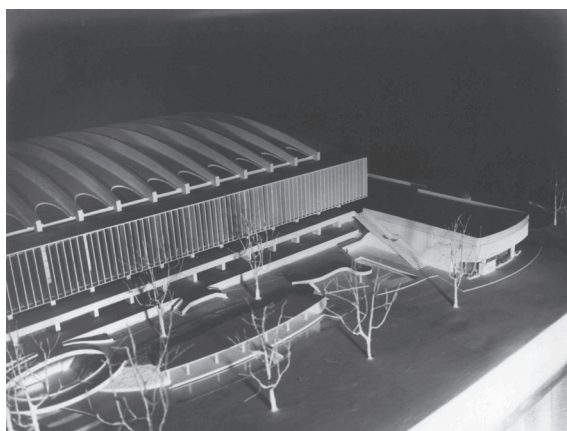


Ilustração 2 – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – vista sobre a lateral



Ilustração 3 – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – vista sobre alçado posterior e lateral direito



**Ilustração 4** – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – vista sobre lateral direita

### UNIDADE DE ESPÍRITO – ENTRE OS JARDINS E O EDIFÍCIO PROPOSTO

Artur Andrade acentua a grandeza do edifício que propõe pela adaptação cuidada do mesmo aos jardins. Confe-re continuidade entre o interior e o exterior, bem como a integração do mesmo no espaço físico corpóreo existente, constituído essencialmente pela estrutura de caminhos e veredas, e pelo volume de alguns pequenos edifícios que foram sendo construídos ao longo do tempo e através da massa arbórea existente que ordena, relaciona e constitui uma referência entre o passado o presente e o futuro do nosso e daquele tempo.

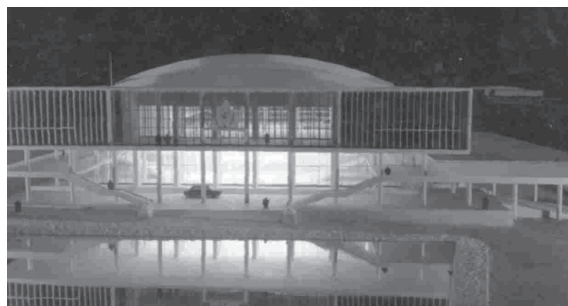


**Ilustração 5** – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – vista de integração geral do edifício

A proposta de um grande espelho de água na frente do novo edifício, conforme projecto de Andrade [1948]:

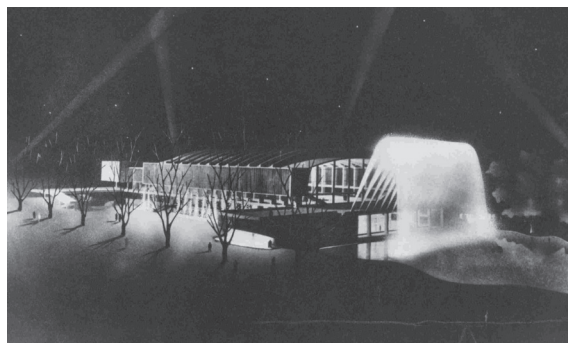
“[...] dará com certeza maior realce e monumentalidade à sóbria harmonia das suas linhas e das suas formas, ao mesmo tempo que orienta o trânsito para o “hall” aberto destinado à recepção e para as galerias exteriores da nave.”

É através deste espelho de água que o edifício se abre ao exterior prolongado a beleza dos jardins e do edifício através do seu reflexo, aumentando a escala e a magnitude entre a leitura do plano térreo e o céu, aclarando a escala de apreensão do espaço.



**Ilustração 6** – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – lago e fachada principal

“Pensou-se que em dias festivos o edifício ganharia em grandeza e espectacularidade fazendo-se surgir por trás de uma variada cortina de jogos de água e luz. O corpo não se dispõe aqui do espaço que, como é costume utilizar nos ambientes monumentais para preparação psicológica do espectador, a fonte luminosa seria a solução, que rapidamente levaria o espírito das pessoas a integrar-se num novo e diferente ambiente – o de festa e poesia. A fonte para os dias de grande gala e espectáculo; o lago para a fulgurância de cor, a imaterialidade das imagens, a frescura num lugar para repouso. Um e outro completando-se e caracterizando este ambiente.” Andrade [1948].

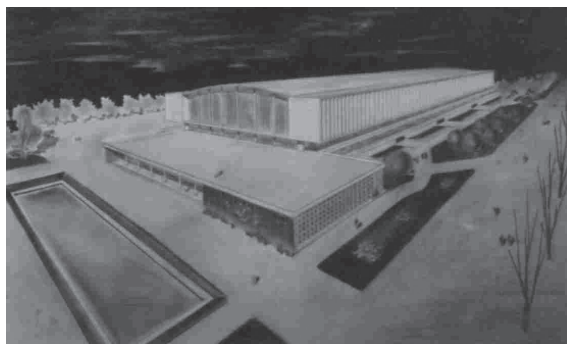


**Ilustração 7** – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – jogos de água e luz

Para que o lago fosse construído teria que se suprimir o traçado do Jardim de Émile David delineado para a integração do antigo Palácio de Cristal, ainda hoje existente na entrada nobre dos Jardins:

“Mas, [...] se tal lago não existisse, por certo o bom senso dir-nos-ia que à nova arquitectura da grande construção palaciana devia corresponder um novo traçado de jardins, fundidos numa unidade de composição a paisagem e a plástica arquitectural. O traçado romântico do jardim actual, não se harmonizaria bem com a expressão moderna, simples do edifício que se projectou.” Andrade (1948)

As preocupações de integração do Palácio, bem como, a integração de outros edifícios complementares de uso colectivo, nos jardins, actuam como premissas fundamentais no desenvolvimento de soluções integradas, valorizando tanto os elementos inertes como os vegetais existentes e propostos. É evidente a preocupação relativa à implementação efectiva da Carta de Atenas<sup>6</sup>, aquando da intenção de garantir a perfeita relação dos espaços entre si, bem como através da manutenção dos valores biofísicos. A complementaridade de usos e funções dos espaços colectivos de lazer quotidiano surgem como complementares ao jardim e a edifício principal. A diversão, o recreio e o passeio facilitam o lazer de proximidade semanal e diária. A integração do edificado nos Jardins, que ao longo das descrições feitas pelo autor, apontam para um extremo cuidado na relação que todos os espaços, volumetrias e formas, estabelecem com o homem e com os elementos intrínsecos pré-existentes de ordem biofísica, o ar, o sol, o relevo e a vegetação. O autor descreve a adaptação do edifício às cotas do terreno, bem como às estruturas naturais existentes, no caso da Avenida das Tílias (até hoje existente e confinante com o actual edifício da Biblioteca Almeida Garrett), onde propõe o seu alargamento, fazendo descobrir a fachada lateral do teatro Gil Vicente (uma unidade das três que perfaziam o antigo Palácio de Cristal).



**Ilustração 8** – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – vista da integração geral e articulação com a Avenida das Tílias

### **Incorporação de nova área – Integração no parque da nova parcela de terreno a poente, compreendida entre os limites actuais e a Rua de Entre Quintas**

O arquitecto pretende a integração de uma nova parcela de terreno a poente de cerca de 4 hectares, fazendo entender os limites dos Jardins até à Rua de Entre Quintas, que “consiste em pouco mais do que continuar a arborização e corrigir a acentuada inclinação do terreno pela repetição dos patamares actualmente existentes.” (Andrade, 1948). Fora do planalto dos jardins o terreno desenvolve-se até à Rua da Restauração “num salto quase vertical de cerca de 40m e numa pendente média de 35% até à Rua de Entre Quintas.” A escarpa da Restauração, grande mancha de vegetação arbórea “é entremeada por difíceis mas pitorescos pequenos caminhos.”

“Na pendente para Entre Quintas o desnível é menos brusco e o ajardinamento está feito pela sucessão de patamares, ligados por rampas, escadas de diâmetros perfeitamente acessíveis. Continua-los através da nova parcela foi a solução que se nos afigurou mais lógica e fácil.” Andrade (1948).



Ilustração 9 – Ilustração da Proposta de Artur Andrade – Plano Geral

### TERRENO PLANO PARA PAVILHÕES E VALORIZAÇÃO GERAL DOS JARDINS

O arquitecto apresenta como sugestões, de forma a acrescentar valor ao parque, um *auditorium*, uma piscina ao ar livre e uma estufa de plantas na nova faixa de terreno, bem como uma casa de chá no topo sul da Avenida.

O *auditorium* proposto, para cerca de 2000 espectadores, devidamente ajustado ao terreno, pretendia oferecer à plateia a magnífica paisagem da Foz do Douro, que hoje é proporcionada pelos miradouros existentes. Tal *auditorium* enalteceria a abertura dos Jardins à Paisagem próxima e envolvente, ligando tanto estruturas existentes como propostas, abrindo todo o espaço a uma leitura e captura interpretativa que dignificaria tanto a envolvência como o seu interior, principalmente através do seu adro "...o adro do anfiteatro no enfiamento da entrada da Rua da Restauração e Avenida das Tílias, um efeito surpreendente." (Andrade, 1948). Aqui a vegetação proposta cria cenário, surpresa e orienta o olhar bem como garante a conforto necessário à vivência espacial "Nesta arborização à volta do Palco, não tapando a paisagem distante, não tapando todo cenário plano próximo, serviria de protecção dos ventos e de cortina sonora." (Andrade, 1948).

Esclarece ainda a integração da piscina e vestiário devidamente assimilada pelo jardim. "A posição desta piscina tratada à maneira de piscina de parque, com logradouros em redor e frondosa vegetação, parece excelente."

"A estufa e um pequeno trecho de jardim romântico completaria o ambiente deste conjunto." (Andrade, 1948). A estufa, elemento integrante do antigo Palácio de Cristal é proposta como:

"Espécie de monumento aos fundadores ilustres do Palácio de Cristal porque seria inteiramente levantada com os melhores materiais e mais ricos detalhes arquitectónicos do velho edifício." Andrade (1948)

Aí surgiria uma casa de chá a situar no topo Sul da Avenida das Tílias:

"[...] pequena construção, gentil, muito aberta, mergulhada na folhagem cerrada das árvores. Através a silhueta escura dos ramos e dos troncos uma paisagem maravilhosa: o Douro, Vila Nova de Gaia e o Oceano [...] não se entenderia um parque sem casa de chá e o local escolhido parece o indicado." Andrade (1948).

O arquitecto propõe ainda algumas grutas, pequenos lagos, rampas, maciços de plantas policromáticas e estatuária de forma a enriquecer o ambiente do único parque público da cidade do Porto, aquando do seu projecto.

"Tão belo pelo deslumbramento da paisagem, como pela imponência da sua vegetação e pela frescura e gentileza do seu ambiente; tão belo, afinal tão pobre de motivos que, sem destruir o valor da natureza como Camillo Sitte<sup>7</sup> recomenda, o tornam mais atractivo e popular." Andrade (1948).

A necessidade, por um lado, de manter as características fundamentais do espaço através do respeito pelas pré-existências e pelas suas peculiaridades e, por outro, a introdução de novos motivos de atracção que asseguram a possibilidade de conferir ao espaço um carácter com identidade favorável à marcação dos vários momentos temporais, o passado e o presente (proposto em projecto).

A inserção do Pavilhão de Exposições é devidamente adaptado ao terreno, sendo o melhor lugar apontado, o plano de nível existente que serviu de plataforma ao Palácio de Cristal e, paralelo à Avenida das Tílias.

Na encosta poente do recinto, o arquitecto propõe uma área designada de Luna Park<sup>9</sup> proporcionando ao público a possibilidade de usufruírem desta encosta, dos pavilhões a serem instalados, bem como da paisagem envolvente através de um circuito intencional que deveria despertar em todos os visitantes curiosidade.

### **ABERTURA DE UMA NOVA AVENIDA – DEFINIÇÃO DAS CIRCULAÇÕES**

Preocupado com os problemas próprios de uma exposição e dos grandes festivais, relativamente ao trânsito automóvel, estacionamento automóvel, acessos dos visitantes e localização das bilheteiras o arquitecto através de uma análise bem fundamentada propõe ultrapassar estas questões. Constatando que estes aspectos se encontravam débeis nas actuais condições de funcionamento do Palácio de Cristal que era acessível apenas pela Rua D. Manuel II e, que os lugares de estacionamento existentes nesta rua e na de Júlio Dinis ficavam lotados, bem como a circulação nestas duas artérias, comprometidas, o arquitecto aponta a necessidade de se abrirem acessos para o palácio a Poente e a nascente, bem como a criação de lugares de estacionamento na Alameda de Massarelos, na Rua D. Pedro V e em toda a Rua da Restauração, para que o recinto suporte a estimativa de 2 milhões de pessoas estimadas quando da Grande Exposição Industrial. A Nascente, bastaria franquear o acesso existente e deslocá-lo um pouco para Sul. A Poente propõe a abertura de uma nova artéria que ligaria a rua da Restauração e D. Manuel II, funcionando como parque de estacionamento para automóveis em toda a sua extensão, bem como possibilitando o movimento do público, para dentro e fora do recinto em dias excepcionais de afluência. É sabido que aquando da elaboração deste projecto a Câmara do Porto já teria elaborado o projecto para este novo arruamento, mas que nas actuais condições não se verifica.

Atendendo ainda, à necessidade de se abrir os Jardins à circulação automóvel em dias de pouca afluência, o autor do projecto prevê algumas áreas de acesso automóvel e estacionamento dentro do recinto devidamente separadas dos percursos pedonais mais nobres, na proximidade com o

Pavilhão, bem como na proximidade com outras estruturas existentes e propostas.

### **ÁRVORES – COMUM A TODAS AS PREMISSAS, E OBJECTIVO FUNDAMENTAL DE POUPAR, O CORTE DE ÁRVORES TANTO QUANTO POSSÍVEL**

Apesar da necessidade do corte de algumas árvores existentes para conseguir responder ao programa a que se propôs elaborar para a integração do Pavilhão de Exposições, bem como outras estruturas que beneficiariam o recinto no geral, Artur Andrade remata a sua descrição de intenções para o Jardim da seguinte forma:

“Uma coisa é certa, não se fizeram destruições desnecessárias. Antes o contrário. Procurou-se encontrar a melhor solução para todos os problemas com bom senso, mantendo o espírito e o respeito pela obra dos nossos antecedentes. Oxalá o tenhamos conseguido. No caso das árvores como nos outros.” Andrade [1948].

### **CONCLUSÃO**

A relação do edifício com a rua D. Manuel, entrada principal, é franca. O Palácio convida a entrada, generosamente aberta e desimpedida de obstáculos visuais, organiza e orienta o utente no espaço. O lago em primeiro plano convoca o olhar para a fachada principal em pano de fundo abrindo-se ao exterior estendendo através do seu reflexo a beleza dos jardins e, em dias festivos a certeza de jogos de luz e água que compõem um cenário preparatório ao edifício apelando à contemplação e ao repouso através da frescura do lugar.

O *Auditorium*, no limite poente, faculty a ligação do jardim com a envolvente próxima através do contacto visual que hoje é proporcionado pelos miradouros existentes.

A estufa, elemento que integrou o antigo Palácio de Cristal, actua como monumento aos seus fundadores.

A piscina, vestiário devidamente articulados com o jardim, assim como a casa de chá que ao situar-se no topo sul da

Avenida das Tílias é visível de Vila Nova de Gaia e, de onde se pode avistar o Oceano e o Douro, assim como toda a área destinada ao Luna Park, na encosta poente.

Referências a Camillo Sitte que enfatizam o carácter tectónico do local articulam-se com preocupações evidentes proposta pela Carta de Atenas, na forma como os espaços adquirem vida, albergando usos e funções do quotidiano sendo este um bom exemplo de como visões transversais se complementam e interagem.

Algumas árvores seriam as mesmas, a história seria outra e a leitura do espaço, outra ainda. A grandeza e a mestria da obra deverão perdurar na memória de todos aqueles que afiguram uma outra realidade através dos desenhos e das descrições do projecto que Artur Andrade nos deixou.

## BIBLIOGRAFIA

**ANDRADE**, Artur (1948): Projecto para o Palácio de Exposições e Pavilhão para Desportos, Arquivo Histórico da Câmara Municipal do Porto.

**ARRÁJO**, Ilídio Alves de (1979): *Jardins, Parques e quintas de recreio no ara do Porto*, in Actas do Colóquio "O Porto na época Moderna", Porto, Sep. Revista *História*, Vol II: FLUP.

**BARBOSA**, Francisco Ferreira (1864): *Elucidário do Viajante no Porto*, Coimbra, Imprensa da Universidade. In-8º de 159 págs. B.

**COUTO**, Júlio (1998): *O Porto em 7 Dias*, Porto, Campo das Letras.

**CMP** (1999): *Caminhando pelos Jardins e Parques Públicos da Cidade do Porto*, Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal do Porto, Caderno.

**CMP** (2000): *Parques e Jardins Públicos da Cidade do Porto*, edição do Pelouro do Ambiente da Câmara Municipal do Porto, CD interactivo.

**SILVA**, Pedro Soares Silva (2008): *Obra e Vida de Artur Andrade*, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Monografia apresentada à Universidade Fernando Pessoa requisito para obtenção do grau de Licenciado em Arquitectura e Urbanismo.

**TOSTÕES**, Ana (2004): *Construção Moderna: As Grandes Mudanças do Século XX*, Seminário de História Económica, Tecnologia e Sociedade, aula nº5, pág.1-35.

**VIEIRA**, Maria de Fátima de Sousa Basto (2001): *Os dois Palácios de Cristal ou a recepção da Exposição Mundial de Londres (1851) em Portugal*, Porto, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Línguas e Literaturas, 18, p.427-438.

## NOTAS

1. Edifício do arquitecto Inglês Joseph Paxton.
2. Os Jardins do Palácio de Cristal – Vários Jardins sucessivamente inaugurados, sendo o mais recente o Jardim das Cidades Geminadas (2009).
3. Ponto estratégico da Cidade do Porto onde existe a Torre de Marca, construída em 1542 a pedido do Rei D. João II, em substituição de um Pinheiro que ali existia e que tinha as funções de marcação/referência para os navios que transpunham a barra do Douro (Barbosa, 1864)
4. Edifício do arquitecto Inglês Thomas Dillen Jones.
5. Época de grande desenvolvimento da Arquitectura Moderna portuguesa "Com o Pós-Guerra com o pós-guerra e sobretudo a partir da realização do Primeiro Congresso Nacional de Arquitectura 1948 é retomado o sentido das pesquisas modernistas mas a partir daí com maior radicalidade." (Tostões, 2004).
6. Manifesto Urbanístico resultante do IV CIAM (Congresso Internacional de Arquitectura Moderna) realizado em Atenas em 1933.
7. Camillo Sitte – Autor: A Construção das Cidade Segundo os Seus Princípios Artísticos.
8. Luna Park é o termo que designa parque de diversões. O primeiro Luna Park existente foi o de Coney Island nos EUA inaugurado em 1927. Devido ao enorme sucesso que a estrutura de diversão teve, o conceito disseminou-se por várias partes do mundo.